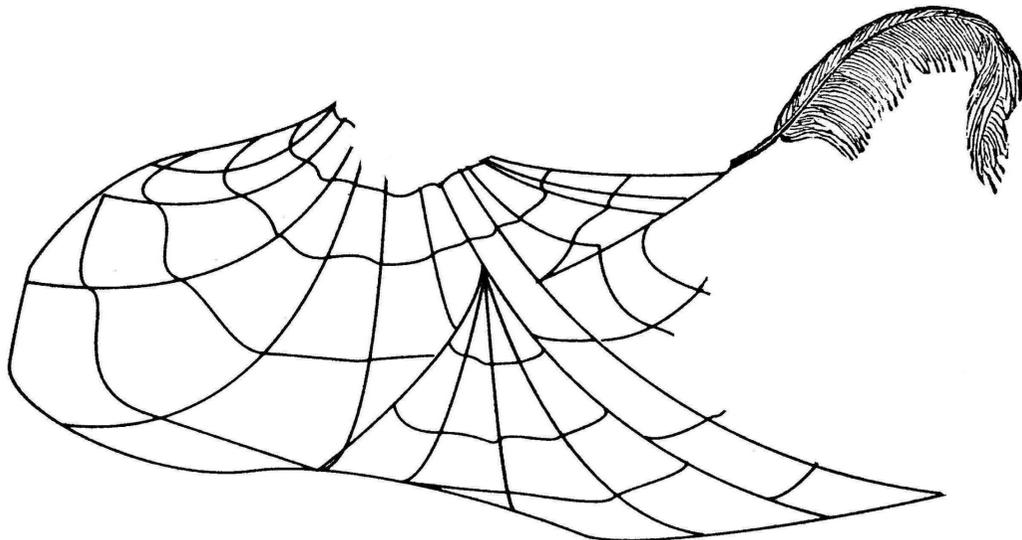


# Temática, dedicatórias e leitores: um estudo de duas obras de Lúcio de Mendonça

Autores: GUTIERREZ, Olivia Moreira; GARRIDO, Taciana Almeida; CUNHA, Valdeci da Silva.  
Orientador: ARNAUT, Luiz (FAFICH/UFMG)



Lúcio de Mendonça (1854-1909), personagem marcante do fim do Império, participou ativamente da campanha republicana no Brasil através de sua obra literária. Este trabalho é pautado nesta produção intelectual e no que ela pretende vislumbrar em termos de práticas e pessoas condenáveis ou defensáveis.

Partindo da noção de que leitura e fala não se resumem simplesmente a palavra, mas idéias, práticas e pessoas (BAKHTIN), pensamos que as escolhas de Lúcio de Mendonça - assunto a ser tratado, maneira pela qual é abordado e quais as personagens que ele cita -, podem ser indicativas da posição e da intenção do autor.

## A UM SENADOR DO IMPÉRIO

A ALEXANDRE STOKCLER

Ora estás no apogeu da gloria reluzente:  
Subsiste para sempre; és vitaliciamente  
Nosso legislador, grande homem, se é que o ha.

Perdôa como um deus a grande alma de Allah.

És columna e pharol da vasta monarchia.  
Tens uma firme gloria enorme que irradia  
Ante uma multidão immensa de fiéis...  
E, além de toda a gloria, alguns contos de réis.

Vê, se já podes vêr, os homens com que  
hombreias:  
Octaviano – o cantor que venceu as sereias,  
Feiticeiro que muda em joias o papel,  
Atheniense que tem o labio unguido em mel  
E que põe na palavra os brilhos do diamante;  
Como o archanjo Miguel formoso e coruscante,  
Vê José Bonifacio, alma gêmea do sol.

Que illuminada altura e que brilhante escol!

No velho Pantheon do campo de Sanct'Anna,  
Cinge-te o louro eterno a fronte soberana.  
Senador e ministro! – estás sentado á mão  
De Deus Padre; e nem vês, embaixo, a multidão,  
O povo, a plebe vil sem nome e sem dinheiro,  
Corja de pedinchões vadios e venaes...  
Tu campeias no céu – e vê-te o mundo inteiro...

Judas de Kerioth, pagaram-te demais!

De feito, que eras tu? Vaidoso como um odre  
Vasio, e, quanto ao mais, uma consciencia pôdre.  
Como Troplong, o infame, ao vil Napoleão,  
Jurista, te vendeste a Pedro, o bom patrão.  
Quizeste ennodoar ao mesmo tempo, traste!  
A blusa popular com que te appresentaste.  
Mas não! manchado és tu, mancha é a libré  
Que tu vestes agora; o infimo galé  
Teria nojo della!

És hoje um poderoso  
Ministro e senador; pois olha, um cão leproso,  
fugiria de ti, por não sujar-se mais.  
Transpuzeste orgulhoso os augustos umbraes  
Do senado, e a curul que sob ti se infama  
Ha de ser como aquelle ominoso Hakeldama  
Com o preço da traição comprado, um mau logar  
Estéril e sem luz – campo de sepultar.

Sabe-se – a Historia o diz – que um déspota romano  
Fez cônsul um cavallo. O nosso soberano,  
Calígula jogral, tyranno bonachão,  
Para nos aviltar, faz senador um cão!

Minas, 1884.

É estabelecida uma rede a partir da referência a pessoas, idéias e situações concretas. Faz-se importante destacar que a rede não contempla apenas aqueles que partilham de uma mesma opinião, mas considera sobretudo a temática em comum.

As figuras associadas ao imperador são, por vezes, caracterizadas com adjetivos depreciativos da imagem social. A relação geralmente estabelecida entre tirania e monarquia, pode ser lida ao mesmo tempo como descrição e prescrição (BOURDIEU).

O conceito de rede permite inferir a relação que o texto estabelece entre pessoas, idéias e projetos políticos (LEVY). A partir disso, as palavras tornam-se referências relacionadas a elementos "externos" ao texto que, associadas, indicariam uma percepção do mundo social. No limite, as referências passam a apontar mais do que palavras, idéias.

Apoio:

